

A MODA COMO MANIFESTO:

Zuzu Angel e as Relações entre Profissão, Política e Militância Pública

Mariana Leticia Costa (UFS)

Resumo: Este artigo explora a trajetória de Zuzu Angel no contexto sócio-histórico da profissão de designer de moda, destacando sua relevância como pioneira no uso da moda como ferramenta de protesto político. A análise aborda a evolução histórica da profissão de designer de moda, a partir de uma perspectiva sociológica, considerando fatores como capital cultural, redes sociais e dinâmicas de poder. Zuzu Angel é discutida como um exemplo emblemático de como o design de moda pode transcender o mercado, atuando como expressão cultural e resistência política. A pesquisa conecta as criações de Zuzu Angel às lutas políticas do Brasil durante o regime militar, enfatizando sua contribuição para a legitimação da moda como uma profissão influenciada por forças históricas, políticas e sociais. Sua atuação abriu caminho para o engajamento ético e político dos designers contemporâneos, reforçando a importância de compreender a moda como prática interdisciplinar e espaço de negociação entre criatividade e poder.

Palavras-chave: Zuzu Angel; Moda política; Sociologia das profissões; Designer de moda; Resistência política.

Abstract: This article explores Zuzu Angel's career in the socio-historical context of the fashion design profession, highlighting her importance as a pioneer in the use of fashion as a tool for political protest. The analysis looks at the historical evolution of the fashion design profession from a sociological perspective, considering factors such as cultural capital, social networks and power dynamics. Zuzu Angel is discussed as an emblematic example of how fashion design can transcend the market, acting as cultural expression and political resistance. The research connects Zuzu Angel's creations to Brazil's political struggles during the military regime, emphasizing her contribution to legitimizing fashion as a profession influenced by historical, political and social forces. Her work paved the way for ethical and political engagement among contemporary designers, reinforcing the importance of understanding fashion as an interdisciplinary practice and a space for negotiating creativity and power.

Keywords: Zuzu Angel; Political fashion; Sociology of professions; Fashion designer; Political resistance.

1 INTRODUÇÃO

A moda, enquanto fenômeno cultural, social e econômico, transcende a simples criação de vestimentas e se estabelece como uma linguagem complexa, capaz de articular valores, identidades e relações de poder. Historicamente, desempenhou um papel central na organização social, funcionando como um marcador de distinções de classe, gênero, raça e status político. Contudo, a moda não é apenas reflexiva das dinâmicas sociais, ela é também um campo de contestação e transformação, onde privilégios podem ser reafirmados ou desafiados. Desde os rígidos códigos de vestimenta nas cortes europeias até os movimentos contemporâneos de democratização do consumo e ativismo, a moda demonstra sua capacidade de operar simultaneamente como um mecanismo de exclusão e uma plataforma de resistência cultural.

No Brasil, a trajetória de Zuzu Angel exemplifica de forma única essa interseção entre moda e política. Nascida em 1921, Zuzu iniciou sua carreira em um momento em que o campo da moda brasileira ainda buscava se consolidar profissionalmente, sendo marcado por uma forte dependência estética e cultural dos padrões europeus. Suas primeiras criações destacavam-se pela valorização de elementos da cultura popular brasileira, como estampas tropicais, bordados regionais e uma estética que dialogava com a diversidade nacional. Contudo, foi na década de 1970, após o desaparecimento de seu filho Stuart Angel, militante político e vítima da ditadura militar brasileira, que sua atuação ganhou dimensão política. Zuzu transformou sua prática em uma linguagem de denúncia, utilizando certos símbolos, como gaiolas, anjos e manchas de sangue, em suas coleções, para confrontar publicamente as atrocidades do regime.

Essa transformação não apenas reposiciona a moda como um instrumento de resistência, mas também a insere em um debate mais amplo sobre a evolução da profissão de designer de moda no Brasil. A partir de uma análise sócio-histórica, é possível compreender como a atuação de Zuzu Angel contribuiu para a legitimação da moda como um campo profissional e político, ampliando seus limites para além das demandas comerciais e estéticas. As criações de Zuzu Angel revelam como o designer pode transcender o papel de criador técnico ou estético, assumindo uma função de engajamento social e político, alinhada às dinâmicas exploradas pela sociologia das profissões.

Na perspectiva da sociologia das profissões, a consolidação de uma profissão está intrinsecamente ligada ao contexto histórico e cultural em que se desenvolve. Elementos como capital cultural, social e técnico desempenham papéis cruciais na construção de legitimidade e prestígio profissional. As trajetórias no design de moda não se limitam ao campo estritamente profissional. Muitos designers de moda utilizam seus conhecimentos e habilidades para atuar

em outras esferas, como a política, a sustentabilidade e a educação. Essa conexão com outras áreas fortalece sua identidade profissional e amplia as possibilidades de reconhecimento público, um aspecto que Becker (2007) identifica como fundamental para compreender a trajetória de profissionais que ocupam espaços híbridos

No caso de Zuzu Angel, sua capacidade de integrar a cultura brasileira ao design de moda e, posteriormente, sua subversão do campo ao incorporar uma agenda política, reflete as dinâmicas descritas pela sociologia das profissões. Além disso, a prática de Zuzu evidencia como as fronteiras profissionais não são fixas, mas estão em constante negociação, permitindo a integração de novas narrativas e funções ao campo.

No contexto contemporâneo, a moda continua a operar como um espaço de negociações complexas entre criatividade, mercado e engajamento ético. A globalização e a digitalização transformaram profundamente o setor, conectando designers, consumidores e produtores em uma rede transnacional. Por um lado, essas mudanças democratizaram o acesso à moda e ampliaram as oportunidades para novos designers, por outro, revelaram as contradições éticas do setor, como o hiperconsumo, as condições precárias de trabalho e os impactos ambientais. Nesse cenário, o legado de Zuzu Angel ressurgiu como um exemplo de como a moda pode ser utilizada não apenas como um reflexo das dinâmicas sociais, mas como um agente ativo de mudança.

Portanto, este artigo tem como objetivo explorar a interseção entre moda, política e poder, analisando a trajetória de Zuzu Angel à luz da sociologia das profissões. Busca-se compreender como sua atuação contribuiu para transformar o design de moda em um campo de resistência cultural e política, desafiando as normas estabelecidas e ampliando os horizontes da profissão. A análise de sua obra destaca a importância de repensar o papel do designer no mundo contemporâneo, especialmente em um contexto marcado por crises globais, desigualdades estruturais e demandas por justiça social.

Assim, este estudo pretende não apenas evidenciar a relevância histórica de Zuzu Angel, mas também posicioná-la como uma figura-chave para a reflexão sobre os desafios e possibilidades do design de moda no século XXI. Sua trajetória demonstra que a moda não se limita ao consumo ou à estética, mas pode ser uma linguagem de engajamento ético e político, capaz de conectar questões locais a um público global e mobilizar transformações significativas nas esferas cultural, social e política.

2 DESENVOLVIMENTO

A profissão de designer de moda, em sua forma contemporânea, é o resultado de uma evolução complexa, atravessada por mudanças históricas e sociais que transformaram um ofício artesanal em uma prática institucionalizada. Originalmente ligada às cortes europeias, onde alfaiates e costureiros atendiam exclusivamente às elites aristocráticas, a moda era vista como uma extensão do luxo e do privilégio. A Revolução Industrial, porém, trouxe uma reestruturação profunda nesse cenário, introduzindo a produção em massa e democratizando o acesso ao vestuário. Essa transformação não apenas mudou as bases materiais da moda, mas também criou as condições para que emergisse uma nova figura central: o designer de moda, responsável por criar, inovar e guiar esteticamente as tendências de consumo.

No século XX, a consolidação da moda como profissão foi acompanhada por processos de institucionalização, incluindo a fundação de escolas especializadas, como a *Chambre Syndicale de la Couture*, em Paris, e a valorização da criatividade como um elemento estratégico no mercado global. Nesse período, os designers começaram a transcender o papel de criadores para se tornarem influenciadores culturais, moldando comportamentos e participando de debates sociais e políticos. Fatores como as Guerras Mundiais e os movimentos de contracultura contribuíram para expandir o alcance da moda, introduzindo novas narrativas que questionavam padrões estéticos tradicionais e traziam à tona discussões sobre identidade, gênero e poder.

Nesse contexto de mudanças estruturais, o sucesso profissional no campo da moda passou a depender não apenas de habilidades técnicas, mas também de elementos como capital cultural e redes sociais. Bourdieu (1998), ao definir o capital cultural como o conjunto de conhecimentos, credenciais e habilidades reconhecidas socialmente, oferece uma lente poderosa para entender como os designers ascendem em um campo profissional competitivo. Além disso, na perspectiva da análise de Bourdieu (1998), a moda é um campo de disputas simbólicas em que os agentes competem pelo capital cultural e pela autoridade de definir o que é considerado belo, inovador ou relevante. Nesse contexto, os designers não são apenas criadores de roupas, mas também influenciadores culturais que moldam tendências e discursos estéticos.

Zuzu Angel, nesse cenário de transformação e profissionalização, representa uma figura singular e pioneira. Enquanto muitos designers de sua época estavam focados em atender às demandas comerciais ou estéticas, Zuzu foi além, utilizando a moda como um veículo de resistência política e afirmação cultural. Sua trajetória não apenas exemplifica o potencial da moda como espaço de contestação, mas também ilumina como forças históricas, políticas e culturais moldaram a profissão de designer no Brasil. Ao ressignificar os códigos da moda,

Zuzu Angel não apenas ampliou os limites da prática profissional, mas também revelou seu poder como linguagem de transformação social.

Acima de tudo, a moda, que também inclui o modo como nos vestimos em um determinado momento e local, também pode, entre suas inúmeras possibilidades, apresentar um caráter político, de protesto, de manifesto contra ou a favor de algo (Lacerda, 2011, p. 13).

Portanto, ao explorar a socio-história da carreira de designer de moda e a trajetória de Zuzu Angel, este trabalho busca evidenciar como a profissão, moldada por dinâmicas de poder, capital cultural e redes sociais, se transforma em um espaço privilegiado para a articulação de criatividade, política e resistência. A história de Zuzu Angel não apenas destaca as potencialidades do design de moda em contextos de luta e opressão, mas também oferece um ponto de partida crucial para discutir os impactos contemporâneos da moda em um cenário globalizado, no qual sustentabilidade, inclusão e ativismo social emergem como valores centrais. Assim, o presente artigo busca abordar como a moda se consolidou como um campo legítimo de expressão cultural e política, tendo Zuzu Angel como uma das figuras mais emblemáticas dessa transformação.

2.1 Sócio-História do Designer de Moda

A constituição da profissão de designer de moda é marcada por um processo histórico que reflete transformações econômicas, sociais e culturais, ao longo dos séculos, que redefiniram a maneira como o vestuário e a moda eram concebidos. A moda, entendida com "M" maiúsculo, é diferenciada de modismos efêmeros, sendo considerada um elemento central na construção da identidade, tanto individual quanto coletiva.

O surgimento da moda é situado entre os séculos XIV e XV nas cidades italianas, onde a burguesia, em sua busca por status e reconhecimento social, começou a imitar os trajes da nobreza. Em resposta, a nobreza buscava se diferenciar, resultando em um dinamismo nas aparências que caracterizava a época. Nos primórdios, a moda estava intimamente associada às dinâmicas de poder das elites aristocráticas. O trabalho dos costureiros e alfaiates, enquanto ofício, era altamente artesanal e direcionado exclusivamente às cortes europeias, com ênfase na personalização e na exaltação das hierarquias sociais. As vestimentas, nesse período, funcionavam como um dos principais símbolos de status, reforçando divisões sociais e políticas por meio da ostentação e do luxo.

Nas cidades italianas, em meados do século XVII, a palavra *modanti* passa a ser usada a partir de uma variação de *mode*, “[...] para indicar os seguidores da moda, refinados cultores de elegâncias, frequentemente francesas”. O vocábulo era usado para indicar as mudanças rápidas no campo das vestimentas nas camadas aristocráticas, mas também se refere às convenções sociais, à decoração, ao pensamento, à escrita e à postura. (Debom, 2018, p.8).

A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, representou um divisor de águas no campo da moda, ao introduzir tecnologias que transformaram os métodos de produção e distribuição. A mecanização permitiu a produção em massa, reduzindo custos e aumentando o acesso ao vestuário para segmentos sociais mais amplos. A emergência de fábricas e o desenvolvimento de máquinas, como o tear mecânico e a máquina de costura, descentralizaram a produção de roupas, reduzindo a dependência de artesãos individuais. Embora a industrialização democratizasse o consumo de moda, ela também alterou profundamente a relação entre criatividade e funcionalidade, trazendo à tona a necessidade de um novo papel profissional: o designer de moda.

Essa nova figura profissional emergiu no século XIX e consolidou-se no século XX como uma ponte entre as demandas do mercado industrial e as tendências culturais e estéticas. A consolidação do designer de moda como um agente cultural significativo ocorreu paralelamente à institucionalização do campo. A figura de Charles Frederick Worth emerge como um marco fundamental na transição do profissional, que sai de um ofício artesanal para uma profissão institucionalizada e legitimada culturalmente. Atuando em Paris no século XIX, Worth consolidou a Alta-Costura como uma prática autoral, rompendo com a tradição que ligava o costureiro a uma posição anônima e subalterna dentro das dinâmicas sociais e econômicas do vestuário. Ele introduziu um modelo de produção em que o criador não apenas executava peças sob medida, mas também atuava como autor de uma visão estética única, posicionando-se como um artista no campo da moda. Worth foi pioneiro ao criar coleções sazonais, apresentadas em manequins vivos, estabelecendo o desfile de moda como prática central na legitimação e promoção do trabalho dos designers.

No inverno de 1857/58, Worth criou um novo conceito para as casas de moda em Paris, quando apresentou às suas clientes uma coleção de modelos inéditos para que elas pudessem escolher os que preferissem, a serem elaborados sob medida. Worth, com a fundamentação desta proposta, lançava novos valores para a moda: assinava as roupas, o que até então não acontecera, dando status de artista ao costureiro; impunha o seu próprio gosto, ou seja, criava e produzia independentemente da opinião das clientes; e também lançava a ideia de desenvolver

suas coleções por estação climática, isto é, primavera/verão e outono/inverno, dando às roupas um prazo menor de validade, incentivando, assim, o aumento do consumo de moda. Tratava-se de uma nova dinâmica - a Couture - que, devido ao contexto histórico do período e ao grande dinheiro circulante da Revolução Industrial, deu origem, dez anos depois, em 1868, à *Chambre Syndicale de la Confection et de Couture pour Dames et Fillettes* (Câmara Sindical de Confecção e Costura para Damas e Moças) e, posteriormente, na década de 1870, ao termo *couturier* (costureiro). Portanto, aquele que trabalhava dentro destas premissas tornava-se costureiro. Este sindicato arregimentava qualquer estabelecimento que fabricasse roupas. Com o passar do tempo, tendo um produto diferenciado e intenção de defender as suas próprias especificidades, a Costura se separou da Câmara Sindical das Confecções e fundou. no final do ano de 1910, a *Chambre Syndicale de la Couture Parisienne* (Câmara Sindical da Costura Parisiense), passando então a usar o termo alta costura. (Braga; Prado, 2011, p.30-31)

Essa transformação teve implicações significativas para a configuração do campo da moda enquanto espaço de produção simbólica e disputa de poder. Ao consolidar o conceito de autoria e ao associar seu nome às suas criações, Worth não apenas elevou o status do costureiro, mas também lançou as bases para a construção das grifes, um dos elementos centrais na organização do campo da moda moderna. Ele foi capaz de alinhar criatividade, prestígio e capital cultural, transformando seu ateliê em uma referência para as elites da época. Essa inovação inaugurou uma nova dinâmica no campo, em que o designer se tornava não apenas um executor técnico, mas também um mediador entre a criatividade artística e as demandas do mercado, reafirmando o valor simbólico da moda como prática cultural. Segundo Levy (apud Miranda, 2011, p.35), "Pessoas compram coisas não somente pelo que estas coisas podem fazer, mas também pelo o que elas significam", e Charles Frederick Worth foi o pioneiro nessa revolução no campo da moda.

Worth representa a consolidação da moda como um campo autônomo, em que a criação estética passa a dialogar com as estruturas econômicas e sociais de maneira mais complexa. Sua trajetória ilustra como a moda, enquanto prática profissional, passou a articular-se com dinâmicas de poder mais amplas, sendo simultaneamente um reflexo e um agente das transformações culturais e econômicas do período. O estilista estabeleceu um precedente para a profissionalização do designer de moda, criando as bases para o reconhecimento da moda como um campo legítimo de expressão cultural e, ao mesmo tempo, um setor estratégico dentro da economia global.

Além disso, a fundação de casas de moda como Chanel e Dior não apenas revolucionou o design com novas abordagens criativas, mas também criou narrativas que conectavam a moda

à identidade cultural e ao comportamento social. Essas casas de moda estabeleceram a profissão como um espaço de criação de tendências, tornando os designers protagonistas em um mercado global crescente.

A institucionalização da moda foi reforçada por escolas especializadas, como a *Chambre Syndicale de la Couture Parisienne*, que padronizaram e regulamentaram a formação de designers, conferindo legitimidade à prática. Essas instituições estabeleceram o design de moda como um campo formal de conhecimento, com regras claras, técnicas específicas e padrões de excelência. Carr-Saunders e Wilson (1933) argumentam que uma profissão só se constitui plenamente quando é sustentada por um corpo de conhecimentos técnicos adquiridos por meio de treinamento formal e institucionalizado. Nesse contexto, as escolas especializadas, universidades e instituições de ensino desempenham um papel central ao formalizar o conhecimento técnico e criar redes de relacionamento que ajudam os profissionais a se inserirem no mercado e a legitimar sua atuação, sendo uma forma de credenciamento.

Portanto, esse processo que elevou a moda de um ofício artesanal para uma prática profissional reconhecida, também refletiu mudanças sociais mais amplas, como a crescente valorização da criatividade e da inovação como elementos estratégicos no mercado. Eliot Freidson (1998) afirmar que o credenciamento é, além de uma ferramenta de legitimação, um mecanismo de controle do mercado de trabalho. No caso do design de moda, a crescente valorização de diplomas de graduação e especialização reflete uma tentativa de consolidar o campo como uma profissão legítima e reconhecida. Essa valorização também responde às exigências do mercado, que busca profissionais capazes de aliar criatividade a conhecimentos técnicos e empresariais

A moda não apenas acompanhou as transformações históricas, mas também foi moldada por elas. Eventos globais como as Guerras Mundiais redefiniram a relação da moda com a sociedade, ao mesmo tempo que desafiaram os designers a adaptarem sua prática às realidades econômicas e políticas. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, a escassez de materiais levou à criatividade em soluções de design que equilibrassem funcionalidade e estética. No pós-guerra, a moda voltou a ocupar um lugar central na reconstrução das economias, com o crescimento das indústrias culturais e a ascensão de marcas que refletiam os valores de uma nova sociedade de consumo.

Nos anos 1960 e 1970, movimentos sociais e culturais ampliaram ainda mais o papel do design de moda, transformando-o em uma plataforma para a expressão de identidades e para a contestação de normas sociais. A contracultura, os movimentos feministas e os debates sobre liberdade sexual influenciaram diretamente o campo, trazendo à tona questionamentos sobre

gênero, raça e classe no design de moda. Os designers, nesse contexto, passaram a desempenhar um papel ativo na construção de narrativas que desafiavam padrões estéticos e sociais, solidificando a moda como uma linguagem cultural poderosa.

Debom (2018) destaca que, embora a norma coletiva continuasse a prevalecer, houve uma modificação radical na percepção do indivíduo, que conquistou o direito de exibir um gosto pessoal e de inovar. Essa individualização do parecer ganhou legitimidade, e a busca estética pela diferença e pelo inédito tornou-se uma lógica constitutiva do universo das aparências. Assim, a moda passou a ser vista não apenas como um reflexo de status, mas como uma forma de expressão pessoal e de afirmação da identidade

No que diz respeito à ascensão dos designers de moda, o capital cultural e as redes sociais desempenharam papéis fundamentais. Conforme Bourdieu (1998), o capital cultural engloba conhecimentos, habilidades e credenciais que permitem aos indivíduos obter reconhecimento em determinados campos sociais. No design de moda, o acesso a escolas de prestígio, a participação em redes sociais de influência e o domínio técnico tornaram-se elementos essenciais para a consolidação de carreiras. Ao mesmo tempo, a globalização e a digitalização ampliaram as possibilidades de criação e circulação de moda, permitindo que designers alcançassem públicos internacionais e moldassem diretamente as tendências globais.

No Brasil, a sócio-história da profissão de designer de moda reflete desafios específicos relacionados à dependência cultural de padrões europeus e à dificuldade de legitimar uma identidade criativa própria. Durante grande parte do século XX, a moda brasileira foi marcada pela imitação de estéticas estrangeiras, enquanto o mercado local carecia de infraestrutura para fomentar a originalidade. Nesse contexto, a trajetória de Zuzu Angel destaca-se como um marco, ao introduzir elementos que valorizavam a cultura nacional e utilizavam a moda como uma ferramenta de resistência política e expressão cultural.

Zuzu Angel exemplifica como a moda pode transcender as fronteiras estéticas e comerciais, articulando discursos sociais e políticos que desafiam as estruturas de poder. Sua capacidade de combinar elementos do capital cultural, como conexões internacionais e reconhecimento criativo, com uma narrativa de resistência torna sua trajetória um exemplo paradigmático da relação entre moda, política e profissionalização. Portanto, é uma trajetória que oferece uma perspectiva única sobre como as forças históricas e sociais moldam o campo e conferem legitimidade ao papel do designer como agente cultural.

2.1.1 Zuzu Angel: Moda Política e Resistência

Zuzu Angel destaca-se como uma figura paradigmática na história da moda brasileira, não apenas por sua contribuição estética, mas principalmente pela forma como ressignificou o papel da moda como um espaço de resistência política e afirmação cultural. Nascida em 1921, em Curvelo, Minas Gerais, Zuleika Angel Jones, posteriormente conhecida como Zuzu Angel, construiu uma carreira marcada pela inovação e pelo compromisso com a valorização das tradições brasileiras, em um período no qual o campo da moda nacional era fortemente influenciado pelos padrões estéticos europeus. Desde o início de sua trajetória, Zuzu evidenciou um olhar criativo e autoral que rompia com as normas impostas, incorporando elementos regionais, estampas tropicais e tecidos locais em suas criações, promovendo um discurso visual que exaltava a identidade cultural brasileira.

Entretanto, foi na década de 1970, após o desaparecimento de seu filho Stuart Angel, que sua atuação ultrapassou os limites da estética e se tornou um ato político. Stuart, militante político e crítico ferrenho do regime militar brasileiro, foi preso, torturado e assassinado pelas forças repressivas do Estado, marcando profundamente a vida e a obra de Zuzu. A partir desse momento, sua produção criativa converteu-se em uma plataforma de denúncia contra as atrocidades do regime militar, transformando o design de moda em um meio de protesto e resistência. Essa transição representou não apenas uma mudança de perspectiva em seu trabalho, mas também a ampliação do escopo da moda, que passou a ser usada por Zuzu como uma linguagem capaz de articular narrativas políticas e simbólicas de grande impacto. Para Becker (1999), os profissionais de campos criativos frequentemente se tornam catalisadores de mudanças sociais ao incorporar valores progressistas em sua prática.

É um movimento que subverte a ideia tradicional de moda como mero símbolo de status ou luxo, transformando-a em uma linguagem de protesto. Segundo Petrarca (2015), as profissões podem se redefinir através da integração com outras esferas sociais, como a política. As fronteiras entre profissões e outras atividades não são fixas, mas sim negociadas continuamente, permitindo que indivíduos moldem as normas de suas práticas. Portanto, Zuzu, nesse sentido, redefine os limites da profissão de designer, ao integrar engajamento social e ativismo em um campo historicamente desvinculado dessas temáticas.

As criações de Zuzu Angel nesse período caracterizaram-se por uma estética profundamente simbólica, que integrava elementos como anjos, gaiolas, flores e manchas de sangue, remetendo ao sofrimento das famílias dos desaparecidos políticos. Tais símbolos, inseridos cuidadosamente em suas peças, transcenderam a função decorativa e passaram a carregar significados políticos explícitos, denunciando as violações de direitos humanos perpetradas pelo regime autoritário. Nesse sentido, as roupas projetadas por Zuzu tornaram-se

veículos de contestação, desafiando o silêncio e a passividade em relação às violências do período. Seus desfiles, tradicionalmente espaços destinados à celebração estética e comercial, foram transformados em atos de resistência, nos quais a moda era ressignificada como uma linguagem de luta.

Um dos momentos mais emblemáticos dessa trajetória foi a apresentação de sua coleção nos Estados Unidos, em 1971. Nesse desfile, Zuzu Angel utilizou a visibilidade internacional da moda como estratégia para chamar atenção às atrocidades cometidas pelo governo brasileiro. Com peças carregadas de simbolismos universais, como os anjos, que representavam inocência e perda, ela conseguiu conectar sua mensagem a uma audiência global, destacando a repressão estatal no Brasil. Esse ato pioneiro demonstrou a capacidade da moda de transcender fronteiras culturais e políticas, mobilizando a atenção do público internacional para questões sociais e humanitárias. Mais do que um evento de moda, o desfile de Zuzu nos Estados Unidos foi um manifesto político que consolidou seu papel como uma ativista que utilizou sua arte para lutar contra as injustiças.

Depois do desfile na casa do cônsul do Brasil, em Nova York, em 1971, a esquerda, que coincidia com a classe intelectual descobriu o trabalho de Zuzu. A designer parecia ter uma postura contraditória. Ela circulava na alta-sociedade e tinha como clientes estrelas de Hollywood, como Joan Crawford, que ainda por cima era presidente da Pepsi, representando o odiado imperialismo americano. Entretanto, nas roupas de protesto fica explícito o engajamento ideológico de Zuzu, sua postura crítica em relação ao momento vivido. Mas esse posicionamento já se demonstrava desde as coleções anteriores, quando buscava caracterizar a identidade brasileira e se manifestava a favor dos movimentos feministas (Andrade, 2006, p. 6).

Além de sua dimensão política, Zuzu Angel também desempenhou um papel crucial na afirmação de uma identidade cultural brasileira no campo da moda. Durante um período em que o Brasil enfrentava um processo de dependência cultural em relação à Europa, Zuzu adotou uma postura contrária, buscando inspiração na cultura local e nas tradições regionais. Segundo Braga e Prado (2011), Zuzu foi a primeira designer de moda a utilizar pedras brasileiras em suas produções e a fazer coleções com ênfase em componentes da nossa cultura, como a coleção *Dateline I*, que abordava as visualidades do cangaço e materiais nacionais como as rendas brasileiras e a chita.

Além disso, estampas tropicais e elementos do folclore brasileiro eram frequentemente incorporados em suas coleções, destacando-se como ferramentas de valorização das especificidades culturais do país. Ao promover essa estética nacional, Zuzu não apenas

desafiava o colonialismo cultural, mas também afirmava a capacidade da moda brasileira de construir uma linguagem própria, conectada às realidades e narrativas locais.

A trajetória de Zuzu Angel revela, portanto, como a moda pode transcender seu papel tradicional de produto comercial para se tornar um espaço de contestação e resistência. Ao utilizar sua posição como designer para confrontar estruturas de poder e promover justiça social, Zuzu redefiniu os limites do campo do design de moda, conferindo-lhe uma dimensão política raramente associada à prática. Suas criações demonstram que a moda pode ser mobilizada como uma ferramenta de enfrentamento às opressões e de valorização das identidades culturais. Nesse sentido, Zuzu Angel transformou-se em um símbolo de resistência, cujas ações ecoam não apenas no campo da moda, mas também na história cultural e política do Brasil.

O impacto de Zuzu Angel transcende seu tempo e continua relevante no contexto contemporâneo. Em um mundo marcado por crises sociais, culturais e ambientais, sua obra oferece uma perspectiva valiosa sobre o potencial do design de moda como instrumento de transformação e conscientização. Designers contemporâneos que utilizam suas plataformas para promover inclusão, justiça social e sustentabilidade encontram em Zuzu uma inspiração para integrar ética e engajamento às suas práticas.

Assim, Zuzu Angel permanece uma figura central na história da moda brasileira, cuja influência extrapola os limites do design e alcança esferas mais amplas da cultura e da política. Sua trajetória não apenas ampliou as possibilidades do design de moda como campo interdisciplinar, mas também consolidou seu legado como uma das principais referências na luta por justiça social e valorização cultural. Ao conectar sua dor pessoal a um discurso político e transformar a moda em uma linguagem de resistência, Zuzu Angel deixou um impacto na moda. Sua narrativa é um lembrete de que a moda, frequentemente subestimada como um campo superficial, pode ser mobilizada para desafiar normas e questionar desigualdades.

2.2 Moda, Dinâmicas de Poder e Impactos Contemporâneos

A moda, enquanto fenômeno cultural, social e econômico, desempenha um papel central na configuração das dinâmicas de poder em sociedades contemporâneas. Longe de ser uma simples expressão estética, a moda atua como um campo simbólico onde identidades, valores e estruturas de dominação são negociados, reforçados ou contestados. Desde a consolidação de normas de vestuário nas cortes europeias até os movimentos de democratização do consumo e os debates sobre sustentabilidade na contemporaneidade, a moda se revelou um espaço de disputas complexas que refletem e transformam as hierarquias sociais.

No contexto histórico, a moda desempenhou um papel fundamental na legitimação das hierarquias sociais, especialmente por meio do controle simbólico do vestuário. As leis suntuárias, nas cortes europeias, definiam os materiais, cores e estilos que poderiam ser usados por diferentes classes, consolidando a posição das elites. Esse controle, evidenciava a exclusividade do luxo e do prestígio.

Mudando a seu bel-prazer, o vestuário revela claramente, em toda parte, os conflitos sociais. Por isso as leis suntuárias derivam da sabedoria dos governos, mas também do mau humor das classes mais elevadas da sociedade quando se veem imitadas pelos novos-ricos. Henrique IV não podia consentir que mulheres e crianças da burguesia parisiense vestissem seda; e muito menos podia consenti-lo a sua nobreza. Mas nada, jamais, se pode opor à paixão de ascender ou ao desejo de vestir roupas que, no Ocidente, são o símbolo de toda ascensão social, ainda que mínima. Nem os governos puderam alguma vez impedir os excessos de luxo dos grandes senhores, os extraordinários desfiles das puérperas venezianas, ou a ostentação que tinha lugar nos funerais em Nápoles" (Braudel, *apud* Calanca, 2011, p.282).

Entretanto, o advento da Revolução Industrial trouxe uma democratização parcial da moda, com a mecanização da produção e o acesso ampliado ao vestuário. Esse movimento, embora tenha permitido que segmentos mais amplos da população participassem das tendências estéticas, não eliminou as dinâmicas de exclusão, mas as transformou. A alta-costura surgiu como uma reafirmação do prestígio das elites, enquanto a produção em massa estabelecia novas hierarquias. A partir desse contexto, Petrarca (2015) analisa que a institucionalização de profissões reflete lutas contínuas por poder e prestígio e afirma que, mesmo em contextos de ampliação do acesso, essas dinâmicas não desaparecem, mas se transformam, criando novas formas de exclusão e hierarquização.

Além disso, o controle sobre o vestuário feminino e a imposição de padrões estéticos que reforçavam papéis tradicionais de gênero ilustram como a moda tem sido historicamente usada para limitar a liberdade e a autonomia das mulheres. Ao mesmo tempo, designers como Coco Chanel desafiaram essas normas ao introduzir elementos do vestuário masculino no guarda-roupa feminino, ampliando as possibilidades de expressão e contestação. Petrarca (2015) enfatiza que profissões frequentemente refletem as dinâmicas de poder de gênero, com barreiras históricas impostas às mulheres em campos dominados por homens. Tanto na moda quanto em outras profissões, a luta pela igualdade exige a subversão de normas estruturais e a redefinição dos papéis tradicionais.

Petrarca (2015) destaca como a sociologia das profissões pode revelar dinâmicas de poder nas trajetórias individuais e na consolidação de grupos profissionais. A moda, como profissão, dialoga diretamente com essas questões. Designers mobilizam capital cultural,

técnico e social para legitimar suas práticas e posicionar-se em um mercado altamente competitivo. Exemplos como Zuzu Angel demonstram como as fronteiras da profissão podem ser expandidas para integrar engajamento social e político, utilizando a moda como linguagem de resistência. Zuzu, ao incorporar símbolos de denúncia em suas criações durante a ditadura militar brasileira, exemplifica como as profissões podem atuar como espaços de contestação e transformação.

Logo, torna-se evidente que as dinâmicas de poder operam tanto na estruturação de profissões quanto na consolidação da moda como campo de influência social e política. A moda, enquanto fenômeno cultural e profissão, não apenas reflete as hierarquias existentes, mas também participa ativamente de sua configuração, contestação e transformação. Logo, é possível compreender as interseções entre criatividade, mercado e poder, reafirmando a moda como um espaço central para a articulação de identidades e a negociação de mudanças estruturais. Tal perspectiva permite aprofundar o entendimento das implicações culturais, políticas e econômicas da moda, posicionando-a como uma ferramenta poderosa para desafiá-las e transformá-las.

2.3 Profissionalização da Moda

A sociologia das profissões oferece um arcabouço teórico relevante para compreender a trajetória de Zuzu Angel, sobretudo no que diz respeito à sua contribuição para a consolidação da moda como um campo profissional legítimo no Brasil. Conforme discutido por Petrarca (2015), a profissionalização não é apenas um processo técnico, mas envolve a construção de legitimidade cultural e social, a mobilização de capital simbólico e a negociação constante com as dinâmicas de poder que moldam os campos profissionais.

A autora ressalta que o processo de profissionalização de um grupo profissional se estabelece a partir da articulação de saberes técnicos especializados com valores sociais reconhecidos. No caso de Zuzu Angel, sua atuação ajudou a redefinir o papel do designer de moda no Brasil, em um momento em que o campo ainda buscava consolidar-se como prática autônoma e aural. Zuzu desempenhou um papel pioneiro ao transcender a visão tradicional da moda como um ofício restrito à reprodução de padrões eurocêntricos e ao posicionar-se como uma criadora que integrava estética, identidade cultural e política em suas obras. Sua produção, fortemente inspirada por elementos brasileiros desafiou o colonialismo cultural que permeava o campo da moda no Brasil, criando um espaço para a afirmação da identidade nacional dentro do setor.

De acordo com Petrarca (2015), a profissionalização também está associada à mobilização de capital cultural e simbólico, que são recursos essenciais para que os profissionais se afirmem dentro de um campo. Nessa perspectiva, Zuzu acumulou capital cultural ao dominar as técnicas de design e ao criar uma linguagem visual que conectava o local ao global. Esse capital foi transformado em capital simbólico à medida que suas peças passaram a carregar significados políticos e culturais profundos. O uso de símbolos como anjos, gaiolas e manchas de sangue em suas criações denunciava as atrocidades do regime militar e posicionava Zuzu como uma voz dissidente dentro e fora do campo da moda. Essa capacidade de articular narrativas visuais e políticas é um exemplo claro do que Petrarca (2015) descreve como a capacidade dos profissionais de mobilizar sua prática em resposta às demandas sociais e culturais de seu tempo.

Outro aspecto central na perspectiva da sociologia das profissões é a mobilização de redes sociais e culturais, que facilitam a expansão da influência e legitimidade de um profissional. Petrarca (2015) argumenta que as redes de relações não se limitam aos espaços formais de trabalho, mas incluem também interações em contextos familiares, sociais e políticos. Zuzu Angel demonstrou habilidade singular ao construir conexões estratégicas tanto no Brasil quanto no exterior, utilizando essas redes para amplificar sua mensagem de resistência política. O desfile realizado nos Estados Unidos em 1971 ilustra como Zuzu articulou seu papel como designer com sua militância, mobilizando redes internacionais para denunciar as violações de direitos humanos no Brasil. Como observado por Petrarca (2015), a capacidade de conectar diferentes esferas de poder é fundamental para que os profissionais consolidem sua posição e ampliem o impacto de sua prática.

Além disso, Petrarca (2015) destaca a dimensão ética das profissões, que muitas vezes emergem como agentes de transformação em contextos de crise. Já Hughes (1994) descreve as carreiras como trajetórias moldadas por eventos significativos, que podem ser tanto planejados quanto fruto de circunstâncias inesperadas. Esses eventos, conhecidos como *"turn points"*, frequentemente redefinem o rumo da carreira e criam novas possibilidades para os profissionais.

Assim, Zuzu Angel exemplifica essa perspectiva ao utilizar sua prática criativa para confrontar as injustiças do regime militar, transformando seu saber técnico em uma ferramenta de militância pública. Suas coleções de moda política não apenas desafiavam o autoritarismo, mas também ressignificavam o papel do designer de moda, demonstrando que essa profissão poderia transcender as barreiras comerciais e estéticas para se tornar um campo de resistência e contestação.

A trajetória de Zuzu Angel também reflete as tensões inerentes ao processo de profissionalização. O campo da moda, por sua natureza, opera na interseção entre criatividade, mercado e poder, e Zuzu enfrentou essas tensões ao navegar entre seu trabalho como designer de alta-costura e seu papel como ativista política. Embora seus clientes

incluíssem membros da elite e estrelas internacionais, como Joan Crawford, suas coleções desafiavam diretamente as normas estéticas e políticas vigentes, evidenciando sua capacidade de negociar os dilemas do campo profissional enquanto reafirmava sua autonomia criativa.

Assim, a narrativa de Zuzu Angel demonstra como uma trajetória profissional pode ser transformada em uma narrativa coletiva de impacto social, ampliando as funções e responsabilidades de uma profissão. Assim como Petrarca (2015) discute a influência da socialização e do engajamento político na constituição de identidades profissionais, Zuzu ilustra como designers de moda podem se posicionar como agentes de mudança social. Sua atuação confirma que a carreira profissional não é apenas um caminho técnico, mas também um processo biográfico e identitário que pode se conectar a lutas mais amplas.

Logo, à luz da sociologia das profissões, Zuzu Angel emerge como uma figura que não apenas contribuiu para a consolidação do design de moda como uma profissão legítima no Brasil, mas também demonstrou como as profissões podem ser mobilizadas para responder aos desafios sociais e políticos de seu tempo. Sua trajetória revela a complexidade do processo de profissionalização e a capacidade dos agentes profissionais de redefinir os limites de sua prática, transformando-a em um espaço de resistência, transformação e valorização cultural. Nesse sentido, o legado de Zuzu Angel continua a inspirar designers e pesquisadores, reafirmando a relevância da moda como um campo dinâmico e profundamente conectado às dinâmicas sociais e políticas.

3 CONCLUSÃO

A trajetória de Zuzu Angel transcende os limites convencionais do design de moda, configurando-se como um exemplo paradigmático de como a prática criativa pode ser mobilizada como linguagem de resistência política, cultural e social. Suas criações, enraizadas na valorização da identidade cultural brasileira, transformaram a moda em um espaço de contestação e denúncia, revelando o potencial transformador dessa profissão em contextos de opressão e desigualdade. Ao ressignificar o papel do designer de moda, Zuzu Angel demonstrou

como a criatividade, aliada ao engajamento político, pode subverter as dinâmicas tradicionais de poder e promover mudanças estruturais significativas.

Zuzu Angel não apenas desafiou os padrões estéticos eurocêntricos que dominavam a moda brasileira, mas também utilizou sua arte como uma plataforma para expor e confrontar as atrocidades da ditadura militar. Sua produção foi além da estética, a fim de incorporar narrativas de resistência que sensibilizaram públicos locais e internacionais. Dessa forma, sua prática contribuiu não apenas para a legitimação da moda como um campo cultural e político, mas também para a expansão das fronteiras profissionais do design de moda no Brasil.

A partir da perspectiva da sociologia das profissões, a atuação de Zuzu Angel exemplifica o processo de construção de legitimidade em um campo marcado por disputas de poder, capital cultural e redes sociais. Sua capacidade de mobilizar recursos técnicos, simbólicos e sociais para ampliar o escopo do design de moda demonstra como os profissionais podem reconfigurar os limites de suas práticas, respondendo às demandas éticas e políticas de seu tempo. Ao integrar valores como justiça social, identidade cultural e engajamento político em sua prática, Zuzu redefiniu o papel do designer de moda, transformando-o em um agente ativo de transformação social.

Além disso, a história de Zuzu Angel reflete as tensões inerentes ao processo de profissionalização no campo da moda. Ao mesmo tempo em que navegava entre as expectativas comerciais e a necessidade de afirmação criativa, Zuzu desafiava normas estabelecidas, criando uma estética única que dialogava com as dinâmicas de poder e resistência de sua época. Sua capacidade de negociar esses dilemas evidencia a complexidade do design de moda enquanto prática interdisciplinar, que opera na interseção entre criatividade, mercado e política.

A relevância das obras de Zuzu Angel se estende para além do contexto histórico em que ela atuou, oferecendo epifanias para o design de moda no século XXI. Em um mundo marcado por crises globais, desigualdades estruturais e desafios éticos, sua trajetória serve como inspiração para designers que buscam alinhar estética e ética em suas práticas. Zuzu nos lembra que a moda não é apenas um reflexo das dinâmicas sociais, mas pode ser mobilizada como uma ferramenta ativa para questionar e transformar essas dinâmicas. Sua abordagem, que uniu inovação estética, engajamento político e valorização cultural, é um modelo de como a criatividade pode ser utilizada para promover mudanças estruturais.

No contexto contemporâneo, marcado pela globalização e digitalização, os desafios enfrentados por Zuzu Angel continuam a ressoar. A luta pela sustentabilidade, pela inclusão e pela justiça social exige que os designers repensem suas práticas e considerem o impacto cultural, ambiental e político de suas criações. Zuzu, com sua habilidade única de conectar

questões locais a debates globais, oferece um exemplo claro de como a moda pode ser utilizada para mobilizar transformações significativas. Suas obras demonstram que o design de moda pode e deve transcender a superficialidade atribuída a ele, posicionando-se como um campo dinâmico e profundamente conectado às questões sociais mais urgentes.

Por fim, a análise da trajetória de Zuzu Angel reafirma a moda como uma linguagem poderosa, capaz de articular valores, identidades e narrativas de resistência. Sua vida e obras são um lembrete constante de que a criatividade, quando aliada ao compromisso ético, pode ser um agente de transformação cultural e social. Designers contemporâneos que buscam promover justiça social, sustentabilidade e inclusão encontram em Zuzu uma inspiração inestimável, cuja relevância transcende as barreiras do tempo e do espaço. Ao reafirmar a moda como um campo interdisciplinar e transformador, a trajetória de Zuzu Angel continua a iluminar os caminhos para uma prática criativa mais ética, inclusiva e significativa. Seu legado é, acima de tudo, um convite para repensar o design de moda como uma prática que vai além do consumo e da estética, posicionando se como uma força vital para o progresso social e cultural.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, P. Zuzu Angel: o poder da moda contra a opressão. In: COLÓQUIO NACIONAL DE MODA, 2., 2006, Salvador. Anais eletrônicos [...]. Salvador : ABEPEN , 2006. Disponível em: <http://coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202006/artigos/94.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- BRAGA, João; PRADO, Luís Andre do Prado. **História da moda no Brasil: Das influências às autorreferências**. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.
- CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- CARR-SAUNDERS, A. M.; WILSON, P. A. **The professions**. Oxford: Clarendon Press, 1933.
- CRUZ, Karina Garcia Santos. **Carreira De Modelo: Formatos De Imersão, Habilidades Profissionais E Recursos De Ascensão**. 2020.
- DEBOM, P. Moda: nascimento, conceito e história. **Revista Veredas da História**, v. 11, n. 2, 28 dez. 2018.

_____. Charles Frederick Worth: fragmentos de uma trajetória. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 146– 166, 2018. DOI: 10.26563/dobras.v11i24.778. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/778>. Acesso em: 22 nov. 2024

FREIDSON, Eliot. **Renascimento do profissionalismo**. São Paulo: EDUSP, 1998 HUGHES, E. **On Work, Race and the Sociological Imagination**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

LACERDA, C. C. D. **MODA COMO FORMA DE PROTESTO EM DESFILE DE ZUZU ANGEL: Nova York, setembro de 1971**. Juiz de Fora, f. 51, 2011 Monografia (ESPECIALIZAÇÃO EM MODA, CULTURA DE MODA E ARTE) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora, 2011.

NEIRA, L. G. A invenção da moda brasileira. **Caligrama (São Paulo. Online)**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2008. DOI: 10.11606/issn.1808-0820.cali.2008.68123. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/68123>.. Acesso em: 21 nov. 2024

PEREIRA, Helen Moraes. **Moda como manifestação política: Zuzu Angel**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Relações Públicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/240246>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PETRARCA, F. R. **Pesquisando Grupos Profissionais: Dilemas Clássicos e Contribuições Recentes**. In : Adriano Codato ; Renato M. Perissonoto. (Org). Como Estudar Elites. 1ed.Curitiba: UFPR, v. 303, p. 151-184. 2015.

PIRES, Dorotéia Baduy (org). **Design de moda: olhares diversos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

SIMILI, Ivana Guilherme; MORGADO, Débora Pinguello. Tecidos, linhas e agulhas: uma narrativa para Zuzu Angel. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 177– 201, 2015. DOI: 10.5965/2175180307152015177. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180307152015177>. Acesso em: 12 nov. 2024.